

Gramáticas de Português como Língua Estrangeira no Século XIX: A consciência de uma identidade românica

1. Introdução

A tradição de gramáticas de línguas vivas estrangeiras insere-se num movimento de continuidade daquilo a que Auroux chamou o «processus massif de grammatisation» à partir de la Renaissance» (1992, 13). À medida da promoção dos vernáculos nacionais e do mais estreito convívio entre as nações, aumenta a curiosidade linguística por idiomas não maternos com o conseqüente incremento da produção editorial europeia de gramáticas e manuais orientados para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Porque tais materiais fazem parte da história da linguística europeia, visa-se no presente trabalho contribuir para o estudo deste capítulo da historiografia linguística românica que é o da produção de gramáticas de línguas não maternas. A descrição ora apresentada segue um modelo idêntico ao que Pierre Swiggers tem usado no estudo da gramaticografia francesa e espanhola, e cujas instâncias de análise – o autor, o público-alvo, o objecto da descrição e a forma de descrição (Swiggers 2006, 168) – permitem situar estas gramáticas num contexto de edição, redacção e concepção específico, de alcance teórico, historiográfico e cultural algo diferente da restante gramaticografia em língua materna. O contributo que se estima é o da história do português como língua estrangeira, história que, no quadro de outras línguas românicas, deverá considerar-se modesta e tardia, sobretudo se comparada com a da vizinha Espanha.

No espaço linguístico românico, a produção de gramáticas de línguas não maternas desencadeou a consciência de identidades linguísticas (e, ao mesmo tempo, de diferenças e variações), através de um método comparativo e, inclusive, de uma incipiente linguística contrastiva que favoreciam a explicação gramatical¹. No que

¹ Veja-se o ponto «*Hacia una orientación contrastiva*» do estudo de Mercedes Marcos Sánchez sobre o espanhol como língua estrangeira: «Desde el punto de vista cognitivo esto [un contraste entre dos lenguas] facilita mucho la tarea del aprendizaje: por un lado, es fácil captar las semejanzas, con el consiguiente ahorro en el esfuerzo de asimilación; por otro, las diferencias resultan más fuertemente marcadas, lo que contribuye a un almacenamiento más rápido en la memoria» (2006, 489).

respeita ao português, embora descrito como língua estrangeira desde 1622², só no dealbar do século XIX é que passa a ser gramaticalmente confrontado primeiro com o francês, e depois com o italiano e o espanhol em gramáticas publicadas fora de Portugal (nomeadamente, Paris, Angers, Londres, Cambridge, Roma, Milão, Madrid) e escritas em francês, italiano, inglês e espanhol (consoante o público-alvo), por autores de nacionalidades diversas. Há assim uma coincidência cronológica (que é o século XIX) entre o eclodir do estudo histórico-comparativo das línguas românicas e o momento em que o português como língua estrangeira começa a ser descrito no quadro da sua relação genética com outras línguas da família românica e, desde logo, com o espanhol. Tal proximidade linguística é invocada por vários autores franceses: a língua portuguesa é tida por «la fille aînée» (segundo o argumento muito comum da sua maior proximidade ao latim) e «la sœur» da espanhola (Dubois 1806, ix); da mesma forma, para Alexandre Marie Sané, é «une langue [...] que l'on confond à tort avec l'espagnol» (1810, vii); para G. Hamonière, o português «a la plus grande affinité avec cette dernière langue [l'espagnol]» (1929, v).

Tendo em vista aspectos da identidade românica, o *corpus* do presente trabalho será constituído apenas por gramáticas de português, escritas no contexto do espaço linguístico românico e envolvendo portanto uma vertente comparativa com o francês (casos das obras de Siret, Dubois, Sané, Hamonière), o italiano e, de forma mais restritiva, o espanhol³.

2. Corpus analisado: espaço linguístico românico⁴

Embora Jean Caravolas considere que «Le portugais reste au XVIII^e siècle une langue peu étudiée par les Anglais» (2000, 39), a verdade é que o *corpus* cronológico de publicações mostra ter sido em meados de Setecentos que arrancou a gramatocografia do português como língua estrangeira em contexto anglófono, no quadro de longevas alianças económicas luso-britânicas. Os portugueses Jacob de Castro e António Vieira (1712-1797)⁵ foram dois dos mais activos promotores do ensino do

² Ano da publicação das duas primeiras gramáticas de português como língua estrangeira, que tiveram motivação política, no quadro de alianças matrimoniais luso-britânicas: De la Mollière, 1662. *A Portuguese Grammar: or Rules shewing the True and Perfect way to lear the said language*, London, Printed by Da Maxwel; Howell, James, 1662. *A New English Grammar prescribing as certain rules as the languages will bear, for forreners to learn English: Ther is also another grammar of the Spanish or Castilian toung, with some special remarks upon the Portuguese Dialect, &c.*, London, Printed for T. Williams, H Brome, and H. Marsh.

³ Note-se que a concepção de ser o português um dialecto ou variedade do castelhano (veja-se a gramática de James Howell, *A New English Grammar (...) for forreners to learn English: Ther is also another grammar of the Spanish or Castilian toung, with some special remarks upon the Portuguese Dialect, &c.*, Londres, 1662) favoreceu o manifesto desinteresse pela descrição gramatical do português para hispanofalantes (cf. Ponce de León 2007, 74-83).

⁴ Apresenta-se o *corpus* analisado no ponto 5.1.

⁵ Filólogo e professor em Dublin, também conhecido por António Vieira Transtagano, dada a sua origem alentejana. Além de um *Dictionary of the Portuguese and English Languages*

português em Inglaterra e cujas obras constituíram fontes diretas de toda a gramatocografia posterior do português como língua estrangeira.

Segundo o mesmo Caravolas, a ‘francomanie’ (2000, 205) explode no século XIX, período de maior vitalidade da cultura francesa em Portugal, promovida por activos estrangeirados, como Rafael Bluteau (1638-1734) e Luís António Verney (1713-1792). No contexto nacional, propugnavam pela modernidade das Luzes e por uma renovação de ideias em eco do iluminismo europeu e mais especificamente do pensamento francês. No campo do cultivo do idioma, grandes modelos de dicionários franceses (L. Moreri e A. Furetière, por exemplo), precursores da *Encyclopédie*, influenciaram a lexicografia portuguesa, nomeadamente o *Vocabulario Portuguez & Latino* (Coimbra, 1712-1728), do francês Rafael Bluteau; uma obra como o *Verdadeiro Método de Estudar* (1747), de Luís António Verney, modernizou o sistema da instrução pública portuguesa em diversas matérias, entre as quais e para o que agora interessa, o estudo das línguas francesa, italiana e inglesa; estudo também revitalizado por novos métodos de ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras, que entretanto chegavam da Alemanha (caso dos reformadores Franz Ahn e sobretudo H. G. Ollendorf, divulgados por toda a Europa e Estados Unidos). Acrescem ainda publicações gramaticais de finais do século XVIII (como a *Arte da Grammatica da Lingua Portuguesa*, 1770, de António José dos Reis Lobato) que faziam ouvir as vozes dos *Messieurs* de Port-Royal e em particular de Claude Lancelot na sua «Nouvelle méthode».

Tal vitalidade é extensiva à produção de gramáticas e manuais de português como língua estrangeira no quadro de outras línguas românicas. O francês é a metalíngua privilegiada para a descrição gramatical do português e a cidade de Paris o local privilegiado para a produção gramatical de impressos portugueses, também graças ao investimento que na área da lusofonia fizeram livreiros, editores e impressores franceses, como Jean-Pierre Aillaud e Garnier⁶.

Com efeito, no *corpus* em análise são bem de notar:

- (i) Uma maioria de gramáticas escritas em francês, nomeadamente as de Louis-Pierre Siret, Dubois, Alexandre Marie Sané, G. Hamonière, F. Solano Constâncio, Paulino de Souza, F. Salles de Lencastre, Raymond Foulché-Delbosc, Carlos de Vasconcelos Bethencourt.
- (ii) Uma maioria de gramáticas publicadas em Paris, nomeadamente as de Louis-Pierre Siret, Alexandre Marie Sané, G. Hamonière, F. Solano Constâncio, Francesco Nabantino, Paulino de Souza, Raymond Foulché-Delbosc, Carlos de Vasconcelos Bethencourt.

in two parts (Londres, 1773), foi autor da reputada gramática *A New Portuguese Grammar in four parts* (Londres, 1768), sucessivamente reimpressa até finais do século XIX. Diz Sané desta gramática que «est très-estimée» e «nous a beaucoup servi dans l'exécution de notre plan» (1810, xi). De facto, a *Nouvelle Grammaire Portugaise* (Paris, 1810), de Sané, é fundamentalmente uma tradução francesa da gramática de Vieira.

⁶ Vejam-se as gramáticas de Louis-Pierre Siret (2.^a edição), F. Solano Constâncio, Francesco Nabantino, Paulino de Souza, Raymond Foulché-Delbosc.

Tais factos permitem, por sua vez, concluir que:

- (i) É dominante a abordagem contrastiva relativamente à língua francesa, sendo portanto o público-alvo preferencialmente francófono, como vem enunciado em textos preambulares – «publier une grammaire pratique portugaise pour la jeunesse française» (Bethencourt 1898, iii) –, quando não no próprio título da obra, como fez F. Solano Constâncio na sua *Nouvelle Grammaire Portugaise*, dirigida a *l'usage des Français* (Paris/Rio de Janeiro 1832).
- (ii) Foi fundamental o papel desempenhado pela capital francesa ao longo do século XIX na circulação do pensamento gramatical português, conforme à concepção de ter sido a cidade de Paris uma «capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX» (Cooper-Richet 2009, 539).

3. Descrição gramatical: aspectos da identidade românica

Pelo mesmo diapasão do prestígio da cultura francófona alinha o latinista português José Vicente Gomes de Moura ao afirmar, na sua obra *Taboas de declinação e conjugação para aprender as linguas Hespanhola, Italiana e Franceza, comparando-a com a Portugueza* (Coimbra, 1821), que dá à língua «Franceza maior numero de exemplos, como aquella, cujo estudo está mais em moda» (1821, A2v). Estas *Taboas* de Gomes de Moura – na verdade estudo mais descritivo do que sinóptico ou esquemático – são talvez um dos mais paradigmáticos exemplos da visão da unidade românica, ou do reconhecimento de uma morfologia e sintaxe românicas. Com o latim como pré-requisito de aprendizagem, já que a obra se dirige «aos que tem sufficiente instrucção da Latina» (Moura 1821, A2), fenómenos de morfologia (declinações e conjugações verbais, sobretudo) são apresentados, caracterizados nas quatro línguas e depois sistematizados: «Ordem da formação dos Tempos nas quatro Linguas» (1821, 24); «Exemplo dos Verbos Impessoaes nas quatro Linguas» (1821, 40); «Correspondencia dos tempos nas quatro Linguas» (1821, 44).

No que respeita às gramáticas do nosso *corpus*, o parentesco linguístico é evidenciado, em geral, por comparações bilingues, feitas por meio de quadros sinópticos, onde são apresentados os pares de línguas em confronto, nomeadamente português/francês, português/italiano e português/espanhol.

Português/Francês: veja-se, por exemplo, a descrição comparada das classes do verbo (Siret 1801, 18) e do nome (Dubois 1806, 9-10):

Conjugaison des Verbes TER et HAVER, Avoir. Indicatif. Présent absolu (Siret 1801, 18).		
<i>Eu tenho,</i> <i>Tu tens,</i> <i>Elle tem, ou</i> <i>Nos temos,</i> <i>Vos tendes,</i> <i>Elles tem</i>	<i>Hey,</i> <i>Has,</i> <i>Ha, ou</i> <i>Havemos, ou Hemos, Haveis,</i> <i>ou Heis,</i> <i>Hao</i>	j'ai. tu as. il a. nous avons. vous avez. ils ont.
DES SUBSTANTIFS		
[...] Les Substantifs se déclinent par le moyen des Articles, de même qu'en français (Dubois 1806, 9-10).		
SUBSTANTIF MASCULIN SINGULIER		
Nominatif.	<i>o Livro:</i>	le Livre.
Génitif.	<i>d'o Livro:</i>	du Livre.
Datif.	<i>a-o Livro:</i>	au Livre.
Accusatif.	<i>a-o ou o Livro:</i>	le Livre.
Ablatif.	<i>d'o Livro:</i>	du Livre.

Português / Italiano: veja-se, por exemplo, a descrição comparada de uma classe invariável, como o advérbio (Nabantino 1869, 133-134):

DEGLI AVVERBI. I. <i>Avverbi di luogo.</i>			
<i>Abaixo,</i>	giu.	<i>Dahi,</i>	da costi.
<i>Acolá,</i>	colà.	<i>Dentro,</i>	dentro.
<i>Ahi,</i>	costi, costà.	<i>Diante,</i>	dinanzi.
<i>Além,</i>	oltre.	<i>Fóra,</i>	fuora.
<i>Algures,</i>	qualche parte.	<i>Lá,</i>	là.
[...]	[...]	[...]	[...]

Português / Espanhol: veja-se, por exemplo, a descrição comparada dos artigos, apresentada pelo italiano Pietro Bachi (1831, 11):

Spanish	Portuguese
Articles	
<i>El, for the masc. gender;</i> <i>La, for the feminine;</i> <i>Lo, for the neuter.</i>	<i>O, for the masc. gender;</i> <i>A, for the feminine;</i> (no neuter)
<i>Los, for the masculine;</i> <i>Las, for the feminine;</i> (the neuter has no plural)	<i>Os, for the masculine;</i> <i>As, for the feminine;</i>

Mais raramente, a comparação é trilingue, envolvendo o espanhol, o português e o italiano. A opção por este método trilingue que usa Richard Woodhouse na sua *Grammar or the Spanish, Portuguese, and Italian Languages* (Londres, 1815), responde a uma necessidade de ensino/aprendizagem de línguas românicas em contexto anglófono. Por isso, também o inglês vem frequentemente à colação, se bem que o exercício contrastivo privilegie as três línguas da mesma família e, nestas, o confronto entre as duas peninsulares. A título de exemplo, veja-se, na descrição dos nomes, a expressão de acusativo de pessoa e coisa apresentada pelo autor (1815, 21):

In the Spanish and Portuguese, the accusative case of a personal noun is always marked by the preposition *à*, both with and without an article, whilst the accusative case of nouns not personal is like the nominative case; as,

<i>Span.</i> Pedro ama à Pablo.	El hombre ama la virtud.
<i>Port.</i> Pedro ama a Pablo.	O homem ama a virtude.
<i>Ital.</i> Pietro ama Paoli.	L'uomo ama la virtù.
<i>Engl.</i> Peter loves Paul.	Man loves virtue.

In the Italian, the accusative and nominative cases of nouns are, as in the English, similar.

Esta apresentação das matérias, que se adequa particularmente à exposição de conteúdos grafofonéticos e de morfologia classemática (ou tradicionalmente a etimologia, classes de palavras), tem intuítos pedagógicos e reflecte opções metodológicas de simplificação gramatical, própria de gramáticas pedagógicas orientadas para aspectos mais básicos e funcionais da comunicação (tal como hoje se entendem no campo da didáctica das línguas estrangeiras). Tudo isto é assumido pelos próprios autores em textos prefaciais:

J'offre donc aux étrangers qui désireront apprendre le Portugais, une méthode facile pour leur en applanir les premières difficultés (Dubois 1806, xii).

Notre but n'est point d'entrer dans de longs détails sur la langue et la littérature portugaises (Sané 1810, viii).

Nous nous sommes proposé de réunir dans l'ouvrage que nous publions aujourd'hui tout ce qui peut être utile à l'étude de la langue portugaise ; nous en avons puisé les principes aux meilleurs sources ; nous les avons exposés dans la grammaire avec autant d'ordre et de clarté qu'il nous a été possible (Hamonière 1820, vii-viii).

J'ai donc essayé d'être clair et concis: apprendre beaucoup en peu de temps (Bethencourt 1898: iii).

As afirmações são significativas de uma concepção de gramática como instrumento útil para a prática da língua. Esta é a vertente da gramática pedagógica ou didáctica, onde os usos linguísticos são expostos e apresentados como norma para um público – ora culto, ora constituído por mercadores, ora nem sempre definido –, interessado em conhecer a língua para comunicar.

O assunto prende-se com uma discussão historiográfica já longa sobre a dupla vertente das gramáticas de línguas não-maternas: por um lado, a sua natureza *prática/pedagógica/normativa/aplicada* e, por outro, a natureza *teórica/especulativa/filosófica/geral/científica*. Este é um binómio que vozes autorizadas têm dicotomizado na análise das gramáticas de línguas não maternas, consideradas obras que carecem de uma componente teórica porque respondem a finalidades práticas. Com efeito, mais do que gramáticas especulativas e teóricas, as agora analisadas são na sua grande maioria de natureza prática e normativa, assim adequadas à descrição do uso comunicativo da língua, ainda que, com maior frequência, ambas as perspectivas gramaticais – a especulativa e teórica *vs.* a prática e pedagógica – dêem origem a obras mistas do ponto de vista da sua concepção. Na verdade, todos os conteúdos gramaticais veiculam necessariamente um conteúdo teórico; e qualquer organização gramatical dispõe de respaldo doutrinário, por pequeno que seja o aparato teórico gramatical no que toca a definições, à metalinguagem gramatical, ao tratamento e divisões da matéria gramatical, à presença de fontes explícitas ou não.

Também por isso a comparação linguística é compreensivelmente muito genérica. Ora ocorre em termos de presença *vs.* ausência de determinado traço linguístico:

- A presença da preposição *a* para o acusativo pessoal em port. e esp. contra a sua ausência no it. (Woodhouse 1815, 21).
- As semelhanças de uso dos dois verbos *ser* e *estar* nas três línguas românicas (port., esp., e it.) por confronto com *être* e *to be* (Siret 1801, 52-53; Dubois 1806, 213; Woodhouse 1815, 53; Hamonière 1820, 212-213).
- A existência de um futuro do conjuntivo em port. (e em esp.) *vs.* a sua ausência em fr. (e em it.) (Siret 1801, 24).
- A diferença estrutural entre a possível realização nula do sujeito sintáctico em port. por oposição ao seu preenchimento lexical obrigatório em fr. (Hamonière 1820, 62).
- A criação românica portuguesa da forma conjugada do infinitivo (Dubois 1806, 211; Nabantino 1869, 58; Souza 1871, 97; P. Hidalgo 1876, 78; Foulché-Delbosc 1894, 140).
- A criação românica portuguesa da mesóclise do pronome pessoal nas formas verbais de futuro e condicional (P. Hidalgo 1876, 69).

Ora ocorre amiúde por meio de um expediente didáctico que é o da afirmação de semelhanças estruturais entre a língua estrangeira (o port.) e a língua materna do público-alvo (o fr., o it., o esp., consoante os casos) com o objectivo de provocar transferências positivas. São afirmações frequentes do tipo:

- «[...] de même qu'en français»
- «[...] comme en français»
- «[...] comme dans les deux langues»
- «[...] de même que dans la langue française»
- «[...] come in italiano»
- «[...] parimenti come in italiano»
- «[...] similmente come in italiano»
- «[...] como en castellano»
- «[...] lo mismo que en castellano».

Tais afirmações são a todo o momento produzidas a propósito de vários conteúdos gramaticais, seja na matéria grafofonética, seja na extensa secção do tratamento das classes de palavras, seja ainda na área de abordagem mais irregular que era a sintaxe:

Comme les règles générales de la Syntaxe sont exactement les mêmes dans les deux Langues Française et Portugaise [...] (Dubois 1806, 175).

Les règles de la syntaxe étant en général les mêmes dans la langue portugaise que dans la langue française [...] (Hamonière 1820, 197).

La collocazione delle parole nel discorso è quasi la stessa in portoghese che in italiano (Giuseppe 1846, 27).

Em conformidade, seguem-se «Règles générales et communes aux deux Langues» (Dubois 1806, 175), em torno dos tradicionais eixos: ordem das palavras, fenómenos de concordância e factos de regime. Sabe-se que nem sempre a matéria sintáctica é considerada como parte canónica da gramática nas descrições de línguas estrangeiras, acompanhando, aliás, a tendência de subvalorização no quadro histórico da gramaticografia de línguas vernáculas. Mas também é sabido que «la ausencia de una parte de sintaxis en las gramáticas no quiere decir que no hay consideraciones de índole sintáctica» (Swiggers 2006, 180), uma vez que, como continua Swiggers, «no hay tratamiento explícito de la sintaxis, pero hay una presencia ‘oblicua’ de la sintaxis». Tal significa uma abordagem sintáctica transversal a toda a gramática e um estudo desdobrado em vários pontos de sincretismo morfossintáctico. Tal significa ainda que as secções de frases, diálogos, cartas e textos diversos traduzidos ou a traduzir – matéria textual comum a todas as obras do género – constituíam estratégias de contextualização sintagmática e, nesse sentido, serão um prolongamento da aprendizagem da matéria sintáctica. Ainda assim, não são poucos os autores do nosso *corpus* que consagram à sintaxe uma parte independente da sua gramática. Vejam-se as gramáticas de: Dubois (1806, 175-298), Sané (1810, 116-179), Hamonière (1820, 194-229), Constâncio (1832, 185-213), Giuseppe (1846, 27-30), Bernardini (1859, 401-481), Nabantino (1869, 146-172), Paulino de Souza (1871, 340-690), Lencastre (1883, 102-116), Foulché-Delbosq (1894, 261-266), Bethencourt (1898, 60-68).

4. Últimas notas

Não se visou neste trabalho a revisão histórica de estratégias, processos, métodos e técnicas de ensino do português como língua estrangeira, de que já existe extensa bibliografia; nem foi tido aqui em conta o campo de investigação da linguística aplicada ao ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Interessaram, sim, aspectos da teoria linguística subjacente a estas obras, concebidas, não tanto como tratados analíticos e doutrinários, mas como conjunto de normas úteis para estrangeiros que desejam aprender a língua para comunicar. Neste sentido, tais obras constituem um subgénero gramaticográfico da história da gramática dos vernáculos, com uma configuração própria, *sui generis* e singular no quadro da historiografia linguística canónica.

Contribuem para essas especificidades, o propósito geral (note-se a concepção de gramática como instrumento útil para a prática da língua), a conjuntura cultural, histórica e política (diferente da que desencadeou o fenómeno da gramaticalização das línguas vulgares), o quadro geográfico (gramáticas elaboradas fora do país), o público-alvo (rede de uso e recepção mais reduzida que a de gramáticas de línguas maternas), o modelo gramatical (conhecimento pragmático da língua e desenvolvimento de competências comunicativas).

Universidade de Évora

Maria do Céu FONSECA

Bibliografia

Corpus cronológico de gramáticas e manuais de Português como Língua Estrangeira (espaço linguístico românico)

- 1801 Siret, L[ouis]-P[ierre]. *Grammaire Française et Portugaise, A l'usage des personnes qui veulent apprendre le Portugais, pour le parler, comme pour l'écrire*. Par _____. Revue et corrigée par le Cit. Cournand, Paris, Arthus Bertrand, Libraire.
[2.^a edição : *Grammaire Portugaise de L.-P. Siret, augmentée d'une phraséologie et de plusieurs morceaux en prose et en vers, extraits de écrivains portugais et français les plus estimés, avec le texte en regard*, par Joseph da Fonseca, Paris, J. P. Aillaud, Monlon et C^{ie}., 1854].
- 1806 Dubois, Abbé. *Grammaire Portugaise ou méthode abrégée pour faciliter l'étude de cette langue*, Angers, De L'imprimerie des Frères Mame.
- 1810 Sané, Alexandre Marie. *Nouvelle Grammaire Portugaise, suivie de plusieurs essais de traduction française interlenéaire, et de différents morceaux de prose et de poésie. Extraits de meilleurs classiques portugais*, Paris, Chez Cérioux Jeune, Nicole Libraire, Cussac Imprimeur-Libraire.
- 1815 Woodhouse, Richard. *A Grammar or the Spanish, Portuguese, and Italian Languages, intended to facilitate the acquiring of these sister tongues, by exhibiting in a synoptical form the agreements and differences in their grammatical construction*, London, Printed for Black and Co.
- 1820 Hamonière, G. *Grammaire Portugaise, divisée en quatre parties*, Paris, Bobée et Hingray [2.^a edição, 1829].
- 1831 Bachi, Pietro. *A Comparative View of the Spanish and Portuguese Languages, or an easy method of learning the Portuguese tongue for those who are already acquainted with the Spanish*, Cambridge, Hilliard and Brown.
- 1832 Constâncio, F[rancisco] S[olano]. *Nouvelle Grammaire Portugaise, à l'usage des français, divisée en six parties*, Paris/Rio de Janeiro, Chez J.-P. Aillaud, Libraire/ Chez Souza, Laemmert et C^{ie}.
- 1846 G[iuseppe], Paolo di G[esu] M[aria]. *Ristretto di Grammatica Portoghese ad uso dei Missionarj di Propaganda. Scritto dal _____. Dei minori osservanti di Portogallo. Con*

- aggiunta di parole, di dialoghi, d'un piccolo dizionario, e di alcune lettere del Padre Vieira*, Roma, S. C. de Propaganda Fide.
- 1859 Bernardini, Antonio. *Grammatica della Lingua Portoghese ad use degl'Italiani, sulle tracce della Grammatica Filosofica della Lingua Portoghese dell'illustre signor Jeronimo Soares Barbosa*, Milano, Tipografia Borroni.
- 1869 Nabantino, D. Vittore Felicissimo Francesco. *Gramatica Portoghese ad uso degl'Italiani per apprendere la lingua portoghese per mezzo dell'a Italiana*, Parigi, V^a. J.-P. Aillaud, Guillard e C^a.
- 1871 Souza, Paulino de. *Grammaire Portugaise Raisonnée et Simplifiée*, Paris, Garnier Frères, Libraires-Éditeurs.
- 1876 P[aula] Hidalgo, D. Francisco. *Primer [y segundo] Curso de Portugués*. Arreglado por _____, Madrid, Carlos Bailly-Bailliere.
- 1883 Lencastre, F. [Salles] de. *Nouvelle méthode pratique et facile pour apprendre la langue portugaise composée d'après les principes de F. Ahn*, Leipzig, F. A. Brockhaus.
- 1894 Foulché-Delbosc, R[aymond]. *Abrégé de grammaire portugaise*, Paris, Librairie Guillard, Aillaud & C^{ie}.
- 1898 Bethencourt, Carlos de Vasconcellos. *Grammaire Portugaise Pratique*, Paris, Boyveau & Chevillet, Librairie Étrangère.

Estudos

- Auroux, Sylvain, 1992. *Histoire des idées linguistiques*, Liège, Mardaga, Tome 2.
- Caravolas, Jean A, 2000. *Histoire de la didactique des langues au siècle des Lumières: précis et anthologie thématique*, Montréal/Tübingen, Presses de l'Université de Montréal, Narr.
- Cooper-Richet, Diana, 2009. «Paris, capital editorial do mundo lusófono na primeira metade do século XIX?», *Varia Historia* 25/42, 539-555.
- Gómez Asencio, José J. (dir.), 2006. *El Castellano y su Codificación Gramatical. De 1942 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford)*, Burgos, Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, Colección Beltenebros, vol. 1.
- Gómez Asencio, José J. (dir.), 2006. *El Castellano y su Condición Gramatical. De 1614 (B. Jiménez Patón) a 1697 (F. Sobrino)*, Burgos, Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, Colección Beltenebros, vol. 2.
- Marcos Sánchez, Mercedes, 2006. «Orientaciones en la enseñanza de español como lengua extranjera en la Europa del Siglo XVI», in: Gómez Asencio, José J. (dir.), *El Castellano y su Codificación Gramatical. De 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford)*, Burgos, Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, Colección Beltenebros, vol. 1, 481-506.
- Moura, José Vicente Gomes de, 1821. *Taboas de declinação e conjugação para aprender as linguas Hespanhola, Italiana e Franceza, comparando-as com a Portuguesa*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Ponce de León Romeo, Rogelio, 2007. «Materiales para la enseñanza del español en Portugal y para la enseñanza del portugués en España: gramáticas, manuales, guías de conversación (1850-1950)», in: Magalhães, Gabriel (ed.), *Actas do congresso Relipes III*, Salamanca, CELYA, 59-86.
- Sánchez Escribano, Francisco Javier, 2006. «Portuguese in England in the sixteenth and seventeenth centuries», *Sederi* 16, 109-132.
- Sánchez Pérez, Aquilino, 1992. *Historia de la enseñanza del español como lengua extranjera*, Madrid, SGEL.

- Smith, Robert C., 1945. «Father Peter Babad and his Portuguese Grammar», *Hispania* 28/3, 330-363.
- Swiggers, Pierre, 2006. «El foco ‘belga’: Las gramáticas españolas de Lovaina (1555, 1559)», in: Gómez Asencio, José J. (dir.), *El Castellano y su Codificación Gramatical. De 1492 (A. de Nebrija) a 1611 (John Sanford)*, Burgos, Fundación Instituto Castellano y Leonés de la Lengua, Colección Beltenebros, vol. 1, 161-213.